

AUTOBIOGRAFIA DE UM PALITO DE FÓSFORO

Para falar de mim, primeiramente quero identificar-me:

Sou um palito de fósforo, não simplesmente um palito, mas sim, a minha composição: Clorato de potássio e Fósforo amorfo. Normalmente sou comercializado afixado na ponta de um palito de madeira, em diversas cores tais como: preta, vermelha, cinza entre outras, em caixinhas, anteriormente de madeira e, hoje em cartolina com um rótulo de identificação afixado na face superior para não derrubá-los ao abrir. Nessa caixinha, com mais de trinta e cinco companheiros, isento de luz, e, quando essa caixinha é aberta, sou escolhido aleatoriamente entre os demais, para fazer a luz (Fiat-lux). Alguém me pega pela perna, atrita-me contra uma lixa da caixinha até que minha cabeça se acenda, e a partir daí vou me queimando até receber um assopro para dar fim à minha vida. No entanto, entre os meus colegas, muitas coisa acontecem, com ou sem cabeça, tais como: somos usados em “jogos de palito”, onde nos apertam escondidos, e, lentamente nos expõem em confronto com outros, onde ouvimos uma gritaria: 4, 7, 3, lona, etc. até que a rotina se repete por várias vezes. Somos usados como “cotonetes” onde alguém nos enfia dentro de um buraco fétido, de cabeça para baixo, de onde saímos todo sujo, e daí jogados ao lixo. Somos usados como palito dental, onde alguém tira lasca do meu corpo e enfia numa cratera forçando a tirar os resíduos ali existentes, também com cheiro desagradável. Para iluminar um ambiente escuro onde não há luz; acender fogão, ou, a lenha ou a gás; acender velas no altar; acender castiçais num jantar à velas; acender castiçais em velórios; acender velas coloridas em “despachos de macumba”; coivaras para início de plantação; atear fogos em atos de vandalismo na beira das estradas;

Somos usados como separadores de azulejos, para manter a distância exata das peças assentadas e nos retirando em determinado tempo, jogando-nos ao lixo; acender carvões embebidos em produtos inflamáveis, que depois de aceso, jogam-nos no meio do fogo e ali perecemos torrados.

Fazendo uma autoanálise, notamos que somos muito úteis para o dia-a-dia do ser humano, com ressalva, pois, a cada segundo aproveitam do nosso fogo para acender um cigarro, que, depois de aceso, nos aperta entre os dentes, num vai-e-vem, prá lá e prá cá, junto com aquele cigarro embebido de saliva, e, na outra ponta está um ignorante que, aos poucos também está dando cabo à sua vida, inalando aquela fumaça que incomoda o ambiente. Por fim, nós fazemos parte da evolução do mundo. Ainda bem que paralelamente, hoje, têm-se outras formas de se fazer o fogo, poupando dessa forma a fauna florestal. José Rosa Coelho - Monte Mor - SP.